

Ciência, técnica e pedagogia: a Educação Física no Brasil

Prof^ª. Dra. Ingrid Marianne Baecker***

Prof^ª. Mda. Cinara Valency Enéas Mürmann*

Prof^ª. Astrid Baecker Avila**

RESUMO

Especialistas da área da Ciências Humanas e Sociais e profissionais da Educação demonstram uma grande preocupação com a situação da educação no final deste século, desenvolvendo a partir disto reflexões sobre as características e implicações da crise dos paradigmas no campo da educação e na construção do conhecimento. Este processo inicia-se também, embora em menor escala e mais tardiamente, no âmbito da Educação Física. As diferentes formas de proceder-se pedagogicamente com disciplinas curriculares, e entre elas a Educação Física, tem despertado a vontade de compreender as tensões e os desdobramentos que estão ocorrendo na forma de pensar, de construir conhecimentos, de ensinar e de educar nas diferentes tradições e tendências pedagógicas. Neste texto pretende-se desenvolver reflexões com a preocupação de buscar as relações que existem entre paradigmas científicos, conhecimento produzido e ação pedagógica mais especificamente na área da Educação Física.

Unitermos: Ciência, pedagogia, Educação Física no Brasil

ABSTRACT

SCIENCE, TECHNIQUE AND PEDAGOGIC: TRHE PHYSICAL EDUCATION IN BRAZIL.

Specialists from Social and Humanities Sciences and professional Educators, have shown a great concern with the situation of education at the end of this century. They are developing reflexions about the crisis of the paradigms in the education area and in the formation of the knowledge. This process starts with smaller scale and more delatedly, in the physical education's field. The different ways to proceed pedagogically with curriculum disciplines, among them, the physical education, have awakened the will to understand the tensions and the disentanglements, that are happening about the way of thinking, the way of developing knowledger, the way of teaching and of educating in the differents traditions and pedagogicals tendencies. In this text is intended to develop reflexions with the concern of seeking

Prof^ª. Dr^a do CEFD/UFSC

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano CEFD/UFSC

Mestranda da UFSC

the relations that there are among scientific paradigms, produced Knowledge and pedagogic action, more specifically in the physical education area.

Uniterms: Science, pedagogi, Physical education no Brasil

Ciência, técnica e pedagogia: a Educação Física no Brasil

Não pretendemos nos enquadrar nos rigores científicos, mas contribuir para uma discussão destas questões dentro de nossa área. Este trabalho trata-se de um ensaio que reúne algumas reflexões sobre a Educação Física, ciência, técnica e pedagogia.

A tecnologia e os métodos são mascarados como algo neutro na medida em que se faz crer que a ciência e a técnica são independentes das relações sociais, isto é, das relações de poder e das relações de classe, sabendo-se contudo que o mais sofisticado dentro da tecnologia é usufruído por uma minoria que detém o capital. A ciência em sua busca do conhecimento para que o ser humano possa dominar a natureza e os outros homens, é a responsável pelas ameaças que algumas descobertas trazem aos indivíduos, pela falta de reflexão sobre a intenção que orienta as descobertas científicas. Ficando ainda um outro problema em relação ao uso destas e sua aplicação. Husserl (in: Habermas, J. Apud: Benjamim, W. e outros, 1980, p. 302) ao tratar não da crise da ciência, mas sim de sua crise enquanto ciência, escreve que a ciência não tem nada a dizer a respeito da miséria humana. Com isso ele quer dizer que a formação de uma atitude reflexiva entre os teóricos é a responsável pela produção de uma cultura científica, e não o conteúdo informativo da teoria. Não aceitando-se que assim seja, embasamo-nos em Habermas (1994), quando menciona que “Husserl critica o objetivismo que apresenta a ciência como *em-si fatual* estruturado conforme leis; no entanto, mascara a constituição destes fatos, não elevando ao nível da consciência as conexões entre o conhecimento com o universo da vida prática.”(p.134). Pode se dizer que são os teóricos e as pessoas que decidem a respeito de como e com que intenção produzir conhecimentos e o que fazer a partir dos conhecimentos produzidos e de suas descobertas científicas. Isto também se refere à questão de como estas decisões são tomadas, se em consenso ou impostas pelo poder e se sua intencionalidade está dirigida ao bem coletivo ou orientada apenas para satisfações individuais. Dependendo da forma como se quer, e de como se pensa e procede em relação à tecnologia e à ciência influenciemos o desenvolvimento de processos de inclusão ou de exclusão social, cultural, intelectual, educacional e econômica.

A ciência, a produção do conhecimento, o ensino e a educação, se pensarmos em termos de superação dentro da própria modernidade, tem que se preocupar em não desconsiderar os aspectos éticos. Uma perspectiva ética de educação tem que considerar um confronto com um tecido cultural das elites e de um meio popular marcado por preconceitos e resistências profundas. Hoje encontram-se presentes sempre ainda traços

das velhas oligarquias agrárias e oligarquias industriais, dominando nossas instituições políticas, culturais, educacionais e econômicas. Problemas estruturais, conflitos e crises são disfarçados sob a máscara do paternalismo, do personalismo, e do clientelismo, sendo assim diluído o conflito capital-trabalho e minimizada a miséria absoluta, a desigualdade e a discriminação social.

Na educação uma forma de se combater a desigualdade social é a inclusão de um processo democrático de participação, é fazer com que as classes menos favorecidas tenham acesso à cultura e ao conhecimento existente e que tenham a possibilidade de compreendê-los, produzi-los e transformá-los a partir de suas relações sociais. Temos que ter presente que é o ser humano que constrói a ciência, descobre técnicas, desenvolve métodos, ensina e educa. Em seu saber fazer ele assume suas condições de existência, qualificando-se como ser humano pelo seu grau de saber e autodeterminação. Como escreve Marques (1990,p.13) o ser humano só pode realizar suas capacidades de auto-organização e autocontrole se o seu conhecimento¹ revestir-se da conotação de domínio das condições do seu existir e de diretriz para as determinações do seu agir.

A Educação Física encontra-se também, como a própria sociedade humana, em uma fase de crise². Questionam-se sobre a ciência, sobre a tecnologia, discutindo-se humanidades³. Reflexões e discussões vão sendo desenvolvidas a respeito de sua identidade, suas delimitações, estudando-se e questionando suas formas de legitimação e possibilidades de transformação.

Acompanhando-se o processo da evolução social, faz-se necessário que se reflita sobre a identidade no campo da Educação Física enquanto prática pedagógica e produtor de conhecimentos. Talvez devemos instaurar uma preocupação de se pensar sobre que ética estamos falando, pois não podemos partir de que haja uma única compreensão do que seja ética.. A crise que permeia todos âmbitos das atividades humanas se derivam da inadequação de paradigmas a uma realidade, que

¹. Aqui queremos nos referir tanto ao conhecimento produzido como também ao aprendido. Aprendido quando se ensina educando, pois nem sempre quando se aprende algo, nos educamos ou estamos sendo educados.

². O termo “crise” é aqui compreendido como “(...) uma constatação de rupturas com padrões postos, dúvidas, incertezas, transições, embaraços, tensões, conflitos (...)” (Dauster in: Brandão, 1994, p. 80).

³. Neste texto procura-se estabelecer conexões entre ciência, tecnologia e a ação pedagógica no âmbito da educação física. A introdução de questões referentes à ciência e tecnologia deve-se ao fato da massa do saber técnico ter assumido atualmente a forma de informações científicas que podem transformar-se em tecnologias. Aqui pretende-se defender conforme Habermans que questões relativas à prática vital tem que serem refletidas em termos da “... introdução de meios técnicos nas situações históricas, cujas situações objetivas (potencial, instituições, interesses) se interpenetram, respectivamente, no enquadramento de uma auto-compreensão são determinada pela tradição” (1994, p. 96)

tem como uma das conseqüências as estratégias didáticas e das políticas educativas (com suas teorias e seus procedimentos de ensino-aprendizagem), o que muitas vezes não passa por reflexão ética⁴. Nossa escolha ética parte de uma visão ampliada dos diferentes conhecimentos disciplinares que de forma inter-relacionada compõe a Educação Física (e que foram sendo rompidos na medida em que foi sendo cada vez mais valorizada a especialização, a formalização e o assentamento sobre modelos teóricos reducionistas) e da compreensão de como se dão as relações sociais na medida em que os seres humanos constroem o mundo e desta forma o movimento.

Poderia se dizer, analogamente, que os processos utilizados para a produção do conhecimento nas ciências empírico analíticas (veja Habermas, J. in: Benjamim, W. e outros, 1980, p. 305-306), onde a validação de suas proposições são feitas segundo um quadro de referência de atitude técnica, se fazem refletir no âmbito da ação pedagógica do professor na escola. Nessa ação há uma materialização dos objetivos que o professor propõe aos alunos e dos objetivos que ele propõe a si próprio. A pedagogia foi reduzida à metodologias, e o ensino foi reduzido à transmissão dos fatos e das teorias, ao invés da análise das mesmas. Isso ocorre, segundo Libâneo (1986), quando o professor ao repassar o conhecimento aos(as) alunos(as) o faz preocupando-se apenas com o método, com a tecnologia, com a formação de estruturas cognitivas, aquisição de conhecimentos. Sem se indagar sobre a sua intencionalidade, que suas intenções transcendam estes objetivos e a preocupação apenas com os procedimentos de ensino. Buscando mais que isso, fazer o aluno pensar e compreender a forma como se dão as relações sociais e humanas na construção do mundo. O professor termina repassando um conhecimento, dissociando-o da relação existente entre a realidade e o interesse dos alunos (coletividade).

Ocorre uma predeterminação do processo de ensino-aprendizagem por parte do professor. Ele controla, garantindo com procedimentos determinados, o êxito na formação de estruturas cognitivas e aquisição de conhecimentos. Com isso ele estabelece um corte na relação com seu aluno, onde o professor o vê como um objeto que precisa adquirir conhecimentos, habilidades e estruturas. Há uma distância entre o professor e seus alunos.

O professor racionaliza sua ação tendo em vista somente conseqüências previsíveis no rendimento do aluno, sem considerar as questões que o habilitarão a nortear suas ações. Isto é, não auxiliando-o a adquirir a compreensão de que ele é parte e responsável pela própria história da humanidade e a construção do mundo, desta forma, desenvolvendo suas competências para intervir em sua realidade.

Observando a realidade escolar, percebe-se que as teorias tradicionais da Educação Física, orientadas para a saúde, para a higiene, para a ordem e disciplina (submissão), para o rendimento (técnica, tática e preparação física) são aceitas e continuam

⁴. No modelo de nossa sociedade, podemos dizer que se sobrepõe/impõe/impera uma ética excludente, competitiva e predatória.

sendo postas em prática, acriticamente, quase como parte do senso comum⁵. A organização escolar expressa uma concepção empirista do processo educacional⁶. Neste o significado pedagógico é encontrado muito mais nos conceitos científicos de causalidade e determinação e enraizado na idéia de verdade científica, onde a atividade pedagógica é reduzida à transmissão de conhecimentos recortados em unidades, disciplinas, áreas, séries, horários. A escola assemelha-se a uma agência de instrução, de ensino, de desenvolvimento do intelecto, sendo que a Educação Física se encontra inserida neste contexto.

A Educação Física precisa caminhar buscando dialogar com outras tradições disciplinares, sem orientar o seu sentido em somente determinada área do conhecimento, fechando-se em verdades embrutecidas, mas permitindo a interlocução entre seus vários campos disciplinares de origem.

Existem empreendimentos em tornar a Educação Física em uma ciência, o que cabe a nós questionarmos qual seria o interesse subjacente a esta defesa. A Educação Física e as formas esportivizadas da cultura corporal de movimento nas escolas, as denominações “Ciência do Movimento Humano”⁷, “Ciências do Movimento Humano”, “Ciência da Motricidade Humana”, etc... nos cursos de licenciatura e de Pós-Graduação nos mostram as diversidade de posturas relativas à identidade e formas de pretensão de legitimação do que intencionamos chamar aqui Educação Física.

O confronto provocado pela contestação de posicionamentos advindos e conhecimentos produzidos a partir do paradigma das Ciências Naturais e Exatas aplicada às Ciências Sociais e Humanas, que se fazem sentir no âmbito da Educação Física⁸, parece demonstrar a condição insuficiente que esta área tem demonstrado para abranger a complexidade do fenômeno do movimento humano na educação.

5. Para o termo “senso comum” veja Saviani. “O senso comum é, pois, contraditório dado que se constitui, num amálgama integrado por elementos implícitos na prática transformadora do homem de massa e por elementos superficialmente explícitos caracterizados por conceitos herdados da tradição e veiculados pela concepção hegemônica e acolhidos sem crítica.” (1993: 11)

6. Veja Arroyo, Miguel. Educação escolar e cultura tecnológica. In: Osório, Pedro L. (resp.) e outros. Paixão de aprender: Escola, conhecimento, cidadania. (Secretaria Municipal de educação - Prefeitura Municipal de Porto Alegre) Porto Alegre: Administração popular, 1993.

7. Termo utilizado para especificar o Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, onde na tentativa de um trabalho interdisciplinar conseguiu-se até agora um trabalho multidisciplinar onde os conhecimentos produzidos nem sempre beneficiam a área da educação física, mas áreas como medicina, fisioterapia, indústria de calçados, etc... Ela se constitui enquanto campo de conhecimento, a partir de uma pluralidade de campos científicos.

8. A especialização crescente, a formalização e a pretensão de autonomia por parte das construções científicas em relação a contextos globais nas quais são produzidos diminuem o seu potencial crítico e a dimensão ética do trabalho científico como prática social.

Demonstrando não dar conta das questões humanas e sociais da forma com que seus conhecimentos tem sido sistematizados. Neste âmbito não parece ser muito fácil estabelecer-se regularidades passíveis de generalização e de repetição. A pedagogia do movimento humano/Educação Física parece não ter ainda as condições/estruturas que torne possível através dos esclarecimentos que possui e através de uma necessária reflexão, de materializar em sua prática a habilitação do ser humano para atuar subjetivamente e objetivamente na construção de sua realidade coletiva. Ao vivermos experiências de pressão burocrática e nos sentirmos quase que dominados e sufocados por um mundo extremamente impregnado pela técnica, iniciamos a tomar consciência de que a nossa liberdade comporta muito mais do que somente questões relativas à solidariedade, mas que nossa liberdade deve ser reorientada para uma liberdade caracterizada pela responsabilidade individual em relação ao coletivo. É angustiante confrontar-se com o vazio provocado pela ausência de referências no plano do conhecimento, que nos coloca em confronto com o processo de substituição de verdades e até do que tem sido considerado como verdade na educação física⁹ (“verdade científica” ou outra verdade?). Parece que buscamos utopias¹⁰ ao procuramos descobrir espaços e legitimações da educação física que possam ir além da técnica e da reprodução do conhecido, onde se trabalhe com questões relativas à sensibilidade, à arte e à estética, sem perder de vista o coletivo humano.

⁹ . A sensação de se trabalhar para desenvolver um ser humano de forma a habilitá-lo a participar subjetivamente, com liberdade individual, respeitando o coletivo e de forma responsável na construção do mundo, torna-nos cientes de que temos à nossa frente um caminho que iremos construir na medida em que o percorrermos. Podemos conhecer a evolução histórica da humanidade, e clarear o que queremos alcançar, mas ao olhar o caminho à nossa frente, cada vez mais nos enchemos de dúvidas e incertezas. Não sabemos o que iremos encontrar e estamos cientes de que é preciso, neste caso, ter asas para voar, pois não encontramos aí a segurança do saber, sentimos o medo do novo e também medo da perda do já estabelecido. Devemos admitir isto sem desistir de nosso intento, sendo honestos e desprovidos de orgulho em nossa busca, sem procurar superar esta crise apenas pela fundamentação epistemológica, ou pelo recurso à autoridade de um “suposto saber”. Na defesa de uma educação física fundamentada na teoria crítica, buscando com o movimentar-se contribuir para emancipação do ser humano, hominizando-o e também ao seu ambiente de vida, chegamos à conclusão de que teorizar pode ser difícil, mas tentar transformar uma práxis que tenha uma real influência no contexto é também muito difícil, pois uma aula, um projeto na escola são apenas partes de uma corrente enorme, contra a qual tenta-se remar contra. Como descreve FREIRE “onde, para entender os limites e as implicações dos “espaços vazios” é necessário também conhecer a estrutura de poder de determinada sociedade e ter uma resposta às questões políticas e econômicas da mesma.”(1981, 288).

¹⁰ . Segundo STEIN utopias “são projetos de pensamento, são conceitos que concebem um mundo melhor ou pior” (1993, p. 9). “Utopias são um pensamento novo, visam idéias novas. Antecipam realidades e procuram prever as tendências de sociedades no futuro.”(ibidem, p. 10)

Para ensinar é necessário saberes a serem transmitidos e estruturas a serem desenvolvidas. Mas educar é a partir disso, mais que isso. Educar é também deixar aberto... como escreve Garcia, “trata-se de construir através de processos educativos, e neles mesmos, formas solidárias, igualitárias e plurais de convivência entre os homens” (1994, p. 64).

A escola sob este ponto de vista é aqui considerada como uma instituição permeada pela cultura, pelos valores, pelos símbolos, pela arte e pelo modo de sentir de uma sociedade (Saviani, 1994). A aula dentro da escola é vista como um fenômeno social de construção coletiva (Hildebrandt, 1983), não sendo assim possível fazer de nossa aula algo previamente estabelecido e imutável. Não se pode assegurar de antemão o indivíduo que o nosso aluno será em seu futuro, podemos isto sim, possibilitar-lhe que aprenda a refletir e decidir conscientemente sobre questões de sua vida. Entendendo as relações do seu cotidiano com o mundo coletivo, isto é, seus âmbitos de convivência e a sociedade em geral.

Na Educação Física são assim transmitidos conhecimentos da cultura corporal de movimento (a ginástica, a dança, os jogos e as lutas) produzidas até hoje, sem que seja oferecido ao educando a possibilidade de compreender sua evolução histórica dentro do desenvolvimento sócio-político brasileiro e seu significado e sentido hoje (Coletiva de autores, 1992). Falta um espaço para elaboração de conhecimentos onde se façam transparentes valores humanos (dimensão ética), e seja dada a possibilidade de desenvolver a dimensão estética e a dimensão artística. Um espaço que possa auxiliar a inverter na práxis a lógica individualista, de exclusão, de decisões impostas, onde o desenvolvimento da prática pedagógica encontre-se relacionando o conhecimento ao interesse.

O problema da escola, e com ele a crise da Educação Física não é um problema apenas dos professores¹¹, ou uma questão de conteúdo, forma e método. É um problema ligado a toda a sociedade. A escola tem por tarefa fundamental educar. Educar implica em atividades que desenvolvem competências humanas para a atuação consciente e subjetiva na realidade. Envolve o desenvolvimento de capacidades relacionada a valores e juízos, da capacidade de reflexão, de crítica e o desenvolvimento de competências para agir como indivíduo social dentro de uma práxis coletiva. Aqui o conhecimento seria compreendido como um processo de expressão de relações sociais.

Isto significa que na Educação Física o educando tem que aprender a se movimentar segundo os mais diversos conteúdos da cultura de movimento corporal, e além disso tem que ser educado, isto é, humanizado (Coletiva de autores, 1992). No ensino de saberes, conhecimentos e habilidades tem que ser desenvolvido também estruturas humanizantes que o tornem consciente das leis que regem a natureza e as relações sociais na sociedade moderna. Na tentativa de se buscar aumentar o bem estar humano em seu movimentar-

¹¹. Veja FRIGOTTTO, Gaudêncio. In: OSÓRIO, P. (1993, p. 6 a 11)

se, incluindo os seres humanos em suas atividades de movimento, não servindo desta forma como mais um fator de exclusão social, alertando cada indivíduo de sua responsabilidade de participação na objetivação de seu mundo coletivo.

Não trabalharemos intencionalmente somente com significados produtivos, comparativos, adaptativos¹² da cultura do movimento corporal, mas também com a impressão, a expressão (e com isso os sentidos e as percepções - a arte, a estética, o lúdico) e a comunicação. Buscando-se criar uma interlocução disciplinar no interior do campo da Educação Física, que torne possível um enriquecimento das diferentes abordagens das questões de ensino e de educação no confronto com os desafios atuais da prática social. Trabalhar em semelhante ótica multidisciplinar seria um dos desafios do momento atual. As interpretações de mundo e os modelos de sociedade moderna gerados pelo desenvolvimento histórico-político-social baseado em princípios da racionalidade ocidental parecem esgotar-se na perspectiva de equalização das classes sociais. Neste momento de crise torna-se necessário fazer-se uma reflexão sobre o valor do conhecimento sistematizado em Educação Física até hoje, pensando-se em como elaborar um projeto (onde se considere o “científico”, o ético, o pedagógico, o estético) para e requalificar a escola e a sociedade.

Concluindo...

A ação pedagógica é uma atividade na qual educadores perseguem fins práticos. A reflexividade conduzida neste nível de realização prática somando-se à comunicação intersubjetiva recoloca os discursos e as práticas das ciências em estágios e patamares provisórios. Na medida em que se reflete sobre a ação pedagógica na Educação Física, somos remetidos de uma forma ou outra às questões relativas à ciência e tecnologia. Porque a ação pedagógica se dá como uma experiência que tem uma relação existencial com o mundo social humano e o conhecimento. Como escreve Marques (1990), a ação pedagógica não existe sem uma prática social.

Na Educação Física cabe momentos de aprender no sentido de internalizar conhecimentos, onde seria ensinado o movimento com suas técnicas, normas e regras dentro de diferentes contextos específicos e da reflexão das mesmas, sem que se perca o contexto de vida do aluno. Dessa forma, o aluno segundo Demo (1993) deve aprender a aprender¹³, pois esta é a base para a autonomia emancipatória. Ele deve

¹². Veja EHNI/KRETSCHMER/SCHERLER (1985), DIETRICH/LANDAU (1990), GRUPE (1982)

¹³ Segundo DEMO (1993) “no caso da didática (...) trata-se menos de produtos a serem dominados, do que metodologia emancipatória traduzida em competências e habilidades. A pessoa torna-se capaz de saber pensar, de avaliar processos de criticar e criar” (p.212), veja DEMO p.211-219.

aprender a movimentar-se, sendo com isso educado para compreender sua historicidade, questionar as determinações existentes em relação à Educação Física, transformar sua imagem, contribuindo na criação novas perspectivas para esta área. O conhecimento na Educação Física se apoia na experiência do movimento, isto é, na forma com que se trata na prática os conteúdos da cultura corporal de movimento humano que se conhecem. Cada experiência ocorre baseada em conhecimentos anteriores organizados de um determinado modo. A busca do novo conhecimento em Educação Física poderá dar-se como referência ao movimento enquanto foco de reflexão da educação precisamente demarcado pelas ações concretas com que os seres humanos se defrontam com o mundo de hoje. Isto é, discutindo-se as causas, as origens e as consequências do trato com seus conteúdos, procedimentos e ações, poderíamos estar construindo, assim um corpo teórico para a Educação Física. Desta forma, torna-se possível explicar as experiências anteriores, como também pode levar à construção de novas experiências e novas formas de tratar o saber da Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel. Educação escolar e cultura tecnológica. In: OSÓRIO, Pedro L.(resp.) e outros. Paixão de aprender: Escola, conhecimento, cidadania. (Secretaria Municipal de educação - Prefeitura Municipal de Porto Alegre) Porto Alegre: Administração popular, 1993.
- BRANDÃO, Zaia. A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo, Cortez, 1994.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIETRICH, K./LANDAU, G. Sportpädagogik: Grundlagen, Positionen, Tendenzen. Reinbek, Rowohlt, 1990.
- DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 1993.
- EHNI, H./KRETSCHMER, J./SCHERLER, K. *Spiel und Sport mit Kinder*. Reinbek, Rowohlt, 1985.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Construção social do conhecimento e cultura tecnológica**. In: OSÓRIO, Pedro L.(resp.) e outros. Paixão de aprender: Escola, conhecimento, cidadania. (Secretaria Municipal de educação - Prefeitura Municipal de Porto Alegre) Porto Alegre: Administração popular, 1993.
- GARCIA, Pedro Benjamim. **Paradigmas em Crise e Educação**. In: BRANDÃO, Zaida ibidem 1994.
- GRUPE, Ommo. **Bewegung, Spiel und Leistung im Sport**. Schorndorf, Hofmann,

- 1982.
- GRUPE, Ommo. **Was ist und was bedeutet Bewegung?** In.: HAHN, E/PREISING, W. *Die menschliche Bewegung - Human Movement*. Schorndorf, Hofmann, 1976.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. In.: BENJAMIM, W./HORKHEIMER, M./ADORNO, T.W./HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultura, 1980.
- HABERMAS, Jürgen. **Progresso técnico e mundo social da vida**. In: *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. In: *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- HILDEBRANDT, Reiner. **Reflexões Pedagógicas sobre currículo em Educação Física**. In: **Revista Kinesis**, Santa Maria, UFSM, v.1, n.1, Jan-Jul, 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos**. 3.ed., São Paulo: Loyola, 1986.
- MARQUES, Mário Osório. **Pedagogia: a Ciência do Educador**. Ijuí: Livraria Unijuí, 1990.
- SAVIANI, D. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. Campinas: Autores Associados, 1993.
- STEIN, Ernildo. **Órfãos da Utopia: A melancolia da esquerda**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1993.